

Terra, Um Bem Comum – XV Jornadas Pedagógicas de Educação Ambiental da ASPEA Santarém, 25 e 26 de Janeiro de 2008

Rui Leal, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Continuações

Chegadas ao fim mais umas Jornadas da ASPEA, e como se usa neste tipo de encontros, há que retirar e apresentar algumas conclusões. As conclusões serão sempre algo de muito pessoal, pois são função, entre outras coisas, do ponto de vista, dos interesses, do grau de conhecimento e do desenvolvimento de cada um, bem como da vivência subjectiva e particular do evento. Assim, o que se lê nas próximas linhas não se pretende sejam conclusões universais e objectivas do encontro, mas sim um balanço pessoal resultante de uma experiência subjectiva de participação e observação das Jornadas, para partilha colectiva final e eventual reflexão.

Nestas XV Jornadas Pedagógicas de Educação Ambiental da ASPEA, realizadas na Escola Superior Agrária de Santarém ao longo de dois dias, estiveram reunidas aproximadamente 120 pessoas. Para além dos elementos da organização e dos oradores e coordenadores/monitores convidados, num total de cerca de 30 pessoas, as Jornadas contaram com a participação de aproximadamente 80 pessoas inscritas, das quais 60 eram do género feminino, cerca de 30 eram docentes, e 12 eram técnicos de 6 autarquias diferentes. Dos 80 inscritos, apenas 8 eram sócios da ASPEA (10%), o que pode ser indicador de que estes encontros não são mantidos pelos sócios e continuam a interessar a outros públicos, de algum modo ligados à área da Educação Ambiental (EA). Um estudo que pode fornecer algumas informações potencialmente interessantes para a ASPEA, seria o de perceber como evoluíram os públicos inscritos ao longo destes 15 anos de Jornadas, em termos de algumas destas variáveis. Fica aqui a sugestão.

Para além dos habituais e importantes encontros informais de convívio nos corredores, intervalos para café e refeições, em termos mais formais as Jornadas desenrolaram-se ao longo destes dois dias de trabalho com a seguinte estrutura:

- 1 sessão de abertura;
- 2 conferências plenárias (de abertura);
- 4 grupos de trabalho paralelos (onde foi apresentado um total de 25 comunicações orais);
- 7 oficinas paralelas;
- 2 conferências plenárias (de encerramento);
- 1 sessão de encerramento.

Faz-se de seguida um breve balanço e síntese de cada um destes principais momentos.

Abertura

Apesar de não se dar normalmente muita importância às sessões de abertura por constituírem uma mera formalidade institucional, alguns aspectos da abertura destas Jornadas merecem atenção. Primeiro, é interessante constatar que o painel de abertura – com representantes da Escola Superior Agrária de Santarém (ESAS), da Câmara Municipal de Santarém (CMS), da Comissão Nacional da UNESCO, da Agência Portuguesa do Ambiente (APA), e da ASPEA – foi um painel 100% feminino. Depois, é interessante olhar para as principais ideias-força presentes nas mensagens de abertura das várias representantes institucionais:

ESAS: o ambiente como uma preocupação, como uma questão política, de cidadania, e de educação, o esforço dos professores, e a necessidade de mudança dos comportamentos.

CMS: o reconhecimento do papel da ASPEA, a luta pelo ambiente, as futuras gerações terem que resolver cada vez menos problemas ambientais, a necessidade de esforço conjunto, e a procura do melhor caminho.

UNESCO: a necessidade de mudanças de comportamento, a importância da educação, a necessidade de reforço positivo dos professores, a Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), o Ano Internacional do Planeta Terra (2007-2009).

APA: o reconhecimento de 15 anos de Jornadas da ASPEA, de promoção de práticas e inovação educativas, o efeito de bola-de-neve da multiplicação pelos alunos, o voluntarismo quase profissional dos seus membros, as plateias rarefeitas neste tipo de encontros, a não realização dos Encontros Nacionais de Educação Ambiental pela 1ª vez em 2007 (após 18 anos), a extinção na maioridade(?), o condicionamento financeiro, a coragem de continuar.

ASPEA: os 15 anos de jornada da ASPEA, as dificuldades de uma ONGA como esta, a tarefa dificultada dos professores, e as palavras de Miguel Torga num hino à utopia dos ambientalistas por um mundo melhor – que ficaram no ar como um poema à fábula burguesa da formiga com asas sonoras, que bebe o doce vinho da amizade e da paz, pelos homens de tamanho natural que vivem distraídos na sua Torre de Babel.

Conferências de abertura [2]

Conferência 1: “O Ano Internacional do Planeta Terra” – pela Doutora Maria Helena Paiva Henriques (Universidade de Coimbra/Comissão Nacional do Ano Internacional do Planeta Terra). O principal tema foi a divulgação do Ano Internacional do Planeta Terra (AIPT, 2007-2009; www.yearofplanetearth.org ; www.anoplanetaterra.org), com o lema *Ciências da Terra para a sociedade*, integrado na Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), promovida pela UNESCO. Foi realçada a importância das Ciências da Terra no sentido lato (incluindo várias áreas disciplinares, como por exemplo a EA) para a construção de uma sociedade mais segura, saudável e próspera. Em particular para lidar com as questões ambientais como as alterações climáticas e a biodiversidade. Foram divulgados objectivos, estratégia, parceiros, recursos disponibilizados e iniciativas no âmbito do AIPT. A baixa adesão das escolas ao projecto até ao momento foi indicada como um dos seus principais *handicaps*.

Conferência 2: “*La Educación Ambiental como patrimonio común de la educación, el desarrollo y la sustentabilidad*” – pelo Doutor José António Caride Gómez (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha). Este orador apresentou uma perspectiva sociológica e de evolução histórica da EA enquanto património cultural, levantando muitas questões interessantes, como: a EA como merecendo ser elogiada e reconhecida, mas também reivindicada; a necessidade de educar em relação à Terra, aos problemas ambientais, mas também em relação às soluções; a EA simultaneamente como uma proposta e uma resposta para a construção de sociedades sustentáveis e responsáveis; a EA e o desenvolvimento sustentável como afirmação de um modo de fazer e ser sociedade; a necessidade de imaginar a EA não tanto como a temos mas como a deveremos ter. Mas há duas ideias apresentadas que merecem especial referência: 1. A de que, como afirmou o poeta e ensaísta espanhol Ortega y Gasset (1883-1955): “*eu sou eu e as minhas circunstâncias*”, e 2. A importância e a necessidade de coerência: “*Educar é uma prática de coerências. Se temos uma determinada concepção de EA temos a obrigação de a pôr em prática.*” – a EA como uma educação em valores; como uma tomada de consciência do mundo que temos para podermos imaginar e construir outro.

Grupos de trabalho [4]

As Jornadas incluíram quatro Grupos de Trabalho temáticos (GT) que funcionaram em paralelo ao longo dos dois dias e que contaram com a participação de entre 20 a 30 pessoas cada um, de acordo com os temas seguintes:

GT1: “Recursos pedagógicos e sustentabilidade”;

GT2: “Competências para a participação e acção”;

GT3: “Consciência social e valores”;

GT4: “Redes e parcerias”.

Cada grupo teve a sua dinâmica própria, em função dos coordenadores convidados, dos participantes, das diversas comunicações orais apresentadas e da temática em causa. Foram apresentadas, ao todo, cerca de 25 comunicações orais, de carácter técnico-científico e de divulgação, relacionadas com os temas de cada GT. De modo a tentar pré-organizar o trabalho a desenvolver e tornar mais consequentes e úteis os resultados destes GT, foi preparado antecipadamente pela organização, e sugerido aos coordenadores, um conjunto de três questões relativas a cada uma das temáticas, para serem debatidas e respondidas por cada grupo, e organizadas nas conclusões dos GT, que foram apresentadas no final das Jornadas e estão disponíveis para consulta.

Oficinas [7]

Como é habitual nas Jornadas da ASPEA, e é uma das suas imagens de marca, na vertente mais prática e de formação e inovação educativa para o ambiente, foram também oferecidas aos participantes uma série de sete Oficinas práticas dinamizadas em paralelo ao longo dos dois dias, de acordo com os seguintes temas:

Oficina 1: “Arte e ambiente” – onde se aprendeu a fazer eco-trabalhos de expressão plástica (pintura);

Oficina 2: “Ciência lúdica” – onde se aprendeu, em laboratório, a reciclar óleos alimentares usados em bio-diesel;

Oficina 3: “Recicloteca” – onde se aprendeu a fazer reciclagem artesanal de papel com diferentes cores e texturas, a partir de diferentes tipos de resíduos de papel e de outros materiais vegetais;

Oficina 4: “Terra de todos” – onde se assistiu à exibição de um filme sobre questões de desenvolvimento e produção de alimento, do Ciclo de Filmes Terra de Todos (OIKOS);

Oficina 5: “De flor em flor...” – onde se aprenderam coisas sobre apicultura, as flores e as abelhas, bem como se realizaram actividades pedagógicas e lúdicas em torno desta temática;

Oficina 6: “Energias renováveis construção de carrinhos solares” – onde se aprendeu a fazer artesanalmente carrinhos movidos a energia fotovoltaica, reutilizando, entre outras coisas, resíduos de embalagens;

Oficina 7: “Percurso em Santarém” – onde se ficou a conhecer um pouco melhor o ambiente local da cidade de Santarém, através de percursos guiados a pé.

Conferências de encerramento [+2]

Conferência 3: “À descoberta de zonas poluídas na Ria de Aveiro” – pela Doutora Virgínia Martins (Universidade de Aveiro). Uma comunicação que nos falou da ruptura com a solidão do processo de investigação científica, através do envolvimento activo de alunos e de escolas do EB, nas amostragens, medições e monitorização ambiental das águas da Ria de Aveiro, usando parâmetros físico-químicos e indicadores biológicos. Este projecto possui já o envolvimento de alguns alunos de escolas locais, procurando alargar a participação a outros grupos e escolas, com um fórum na Internet para participação: www.valorizarariadeaveiro.com

Conferência 4: “*La Carta de la Tierra. La revolución social del siglo XXI*” – pela Doutora María Pinar Merino (Fundación Valores, Espanha). Uma interessante comunicação final para as Jornadas e extremamente oportuna face à crise actual de valores e (des)orientação da humanidade. Segundo a autora (psicóloga, com experiência na área da educação para os valores), a sociedade actual, herdeira de um paradigma cultural masculino e de fragmentação do conhecimento, desconexão com a natureza, com os outros e connosco mesmos, conhece uma crise que nos oferece ao mesmo tempo uma oportunidade. Uma oportunidade de revermos os nossos modelos de concepção da vida e do mundo, revermos os nossos valores, rumo a uma nova humanidade e a modos de vida e a sociedades mais sustentáveis. Foi apresentada a visão de uma nova revolução para o Século XXI, à luz dos valores da Carta da Terra, que faça do século XXI o *Século da Gente*. As propostas de mudança e de solução, segundo a autora, vêm das novas possibilidades trazidas pela ciência (física quântica) e por uma visão humanista, que propõe modelos alternativos, novos modos de ver, pensar e de educar/aprender, que ajudem a perceber a interdependência universal da vida na Terra e resgatem valores como a sensibilidade, a verdade e o amor: mudar o olhar e agir de modo diferente para mudar as coisas.

Encerramento

Numa crise de adolescência, que não é senão a crise da Educação Ambiental no nosso país, estas XV Jornadas Pedagógicas de Educação Ambiental da ASPEA começaram inconscientemente, por um lado, sob o signo do feminino e da sua força e determinação criativas (fazendo jus à ideia defendida por alguns de que o século XXI será um século de mudanças no feminino). E, por outro lado, sob um sentimento ambivalente de alegria/tristeza: de idealismo, de reconhecimento do trabalho, e de celebração dos 15 anos de luta por *um bem comum*, mas também de dificuldade, de falta de apoios, de esforço, de desgaste, de desalento e de preocupação e incerteza quanto ao futuro...

Apesar disso, a ASPEA presenteou os participantes, ao longo de dois dias, com mais um dos seus *bouquets* surpresa de actividades e conferências, diversas e de qualidade, interessantes a diferentes tipos de públicos profissionais.

Um desses públicos privilegiados pela ASPEA desde sempre, são os professores. Para além do reconhecimento e valorização da importância destes profissionais, durante as Jornadas surgiram as habituais queixas de dificuldade de mobilização e adesão das escolas/professores a alguns projectos e iniciativas, aparentemente interessantes e importantes. Deveríamos talvez parar um pouco e perguntar-nos se as escolas, os professores e os alunos não estarão a sofrer a pressão de um excesso de expectativas, exigências e oferta de projectos e programas (internacionais, nacionais e locais)? Solicitações que, apesar de bem intencionadas, os acabam por ocupar e sobrecarregar, mas pouco mudam de facto a qualidade de vida, a cultura escolar e o dia-a-dia ambientalmente pouco sustentáveis das pessoas.

Dos momentos de debate plenário destes dois dias vale a pena sublinhar algumas das principais questões que vieram a lume e que são recorrentes em quase todos os encontros de EA desde há alguns anos: 1. a importância de avaliar a eficácia dos programas e acções de EA e a falta de cultura prática e avaliativa em EA; 2. a polémica e a dúvida entre a Educação Ambiental (EA) vs. a Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS); 3. a necessidade de continuar a questionar e esclarecer o conceito de Desenvolvimento Sustentável; 4. o sentimento de frustração (quase desespero de causa) e preocupação com as contradições sociais, políticas e culturais nesta área do Ambiente e da EA/EDS, e o pouco que muda à nossa volta apesar dos (nossos) esforços; 5. o ecrã negro com a mensagem “*No Signal (?HELP)*”, com que esbarramos como resposta dos organismos públicos face às necessidades e reivindicações da EA/EDS.

Num momento em que os já tradicionais Encontros Nacionais de EA não se realizaram pela primeira vez ao fim de 18 anos, e em que se tem vindo progressivamente a assistir a um desinvestimento do governo central ao nível da EA, as Jornadas da ASPEA assumem uma maior importância e responsabilidade a nível nacional como um dos principais encontros de EA ainda existente... Dores de crescimento adolescente? Que o desafio lançado nos últimos anos de as Jornadas da ASPEA se realizarem, pela primeira vez, na região do Grande Porto, possa servir como estímulo e contributo para o salto de maioridade, reforço e continuidade deste trabalho desenvolvido em EA no nosso país.

Tivemos connosco na abertura das Jornadas o espírito elevado de dois poetas: Torga e Ortega. Terminemos com eles.

A imagem da Torre de Babel no poema de Torga (curiosamente também usada para descrever a EA nas conclusões do 1º Congresso Mundial de Educação Ambiental – 1WEEC, Espinho, 2003) remete-nos para a inevitável co-habitação na diversidade e nas contradições do mundo em que vivemos. Subsiste, no entanto, um universal reconhecimento da necessidade e do apelo à mudança (de comportamentos) como vital para a sustentabilidade sócio-ambiental, nesta sociedade em que nem todos temos nem defendemos os mesmos valores. Isto torna a **coerência** um dos principais desafios à eficácia e credibilidade da EA/EDS: o exercício de coerência entre o que cada um de nós pensa, diz, defende e faz, como diferentes indivíduos, grupos e instituições em sociedade, em todas as vertentes da vida no dia-a-dia. Uma coerência ética existencial aos níveis individual, institucional, social e político, que não desacredite valores, não contradiga mensagens, não desiluda, não mine, nem desgaste motivações pessoais de procura de sustentabilidade.

Por outro lado, temos no aforismo de Ortega – *nós somos nós e as nossas circunstâncias* – uma bi-polaridade incontornável da condição humana sobre a qual vale a pena reflectir: nós e o mundo (o cosmos). Se estamos insatisfeitos com a nossa situação e se conhecemos *as nossas circunstâncias* e não as conseguimos mudar, talvez devamos atentar mais em *nós* mesmos, no que pensamos, acreditamos e fazemos. Paralelamente, e considerando que **a EA é a EA e as suas circunstâncias**, se estamos insatisfeitos com a situação actual da EA e se conhecemos a EA que fazemos, talvez devamos atentar mais às suas circunstâncias – que são de contradições e incoerências que nos traem e fragilizam, e que todos construímos. Assim, reforça-se aqui uma mensagem já passada nas Jornadas anteriores: não basta que a EA se vire para si e fale para o seu umbigo, é também importante que se abra e vire para fora. Se não, continuaremos a lamentar-nos e a não perceber porque as coisas não mudam quando já se faz tanta EA.

Por fim, fica a proposta para que estas não sejam conclusões, como se os assuntos debatidos e a dinâmica de trabalho criados nestes encontros aí acabassem e se encerrassem numa caixa de memórias cristalizadas, que guardamos numa gaveta qualquer orgulhosos do que alcançamos intelectualmente. Em vez disso, propõe-se que estas sejam, sim, pistas e janelas de possibilidade de continuação e melhoria do trabalho que fazemos no dia-a-dia, e que esta sessão afinal não seja de encerramento mas seja antes uma sessão de mais abertura para a EA e o trabalho da ASPEA.

Bem hajam e...
boas continuações! :)